

HISTÓRIAS DE VIDA DE JOVENS INGRESSANTES NO ENSINO SUPERIOR DE CAMPO GRANDE/RN

GT 22: SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Profa. Geovânia da Silva Toscano
Ciências Sociais/UFPB

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas/UERN

RESUMO

Analisamos a trajetória de vida e o perfil social dos jovens da cidade de Campo Grande/RN procurando identificar as suas expectativas com relação ao acesso ao ensino superior no Rio Grande do Norte. Utilizamos a pesquisa quanti-qualitativa com a aplicação de questionários e o método de história de vida para atingir o objetivo proposto. Ao investigar as histórias de dez jovens constatamos que suas trajetórias são norteadas por questões sociais complexas, alteradas conforme os espaços, o tempo, o contexto social que se inserem. As palavras extraídas em suas narrativas levam-nos a concluir que as trajetórias de vida estão marcadas pelos espaços de vivências familiares, escolares, religiosos, de grupos e das oportunidades de formação que surgem para além do espaço escolar.

Palavras-chave: jovens, história de vida, ensino superior

INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século XX e iniciais do século XXI são marcadas por um modelo hegemônico de globalização neoliberal, que privilegia o individualismo, a competição, o consumo, o avanço das tecnologias e dos meios de comunicação e informação. A exigência do conhecimento como critério de inserção social e o desemprego, processos crescentes de desigualdades sociais e violência física e simbólica atingem diversas faixas etárias populacionais, fundamentalmente os jovens.

A população jovem brasileira qual seja aquela com idade entre 15 e 29 anos carece de investigações sociais, haja vista que essas questões a atinge social e historicamente. Essa, portanto, é uma faixa etária marcada por situações de instabilidade, invulnerabilidades, incertezas e inseguranças no tocante à construção da sua vida cotidiana e sua projeção de futuro.

São jovens que necessitam de ampliação de oportunidades de escolaridade, emprego e reconhecimento social para prover suas vidas. Benevides (2003) enxerga a educação como uma forma de consolidar esses valores, tornando o ser humano ao mesmo tempo mais consciente de sua dignidade e de seus semelhantes, bem como mais apto para exercer a sua autonomia enquanto sujeito de direito.

Assim sendo, para investigar a situação da juventude se faz necessário ultrapassar o marco dos problemas em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos, econômicos e educativos. Convém situá-la em suas variadas circunstâncias e fatores determinantes para analisar o papel desses jovens na sociedade, principalmente, em relação à sua formação, a sua inserção social e profissional, aos seus direitos e liberdades, ao ócio e tempos livres. Além disto, buscar compreender e identificar possíveis conflitos de gerações, as formas de ação dos jovens no espaço social e captar quais as políticas que envolvem a juventude.

No Rio Grande do Norte, Nordeste brasileiro, apesar do Índice de Educação Básica (IDEB) de 2,9, é reconhecido o crescimento do número de crianças e jovens no sistema de ensino público, por outro lado, questiona-se a qualidade da aprendizagem deles ao longo de 12 anos de escolarização até chegar a idade de conclusão do ensino médio e almejar o ingresso no ensino superior público.

Na cidade de Campo Grande/RN, município do semi-árido potiguar vem se realizando desde 2008 o Projeto de extensão “Abrindo Caminhos para a Universidade” institucionalizado na UERN/PROEX e aprovado pelo edital PROEXT/MEC a partir de 2011. Tal projeto envolve alunos e professores de diversas licenciaturas da UERN, Professores de Escolas Públicas, Núcleo Sertão Verde e Prefeitura do Município. Tem como objetivo contribuir no processo de ampliação de escolaridade de jovens daquela cidade.

Este trabalho aqui exposto originou-se a partir da curiosidade de conhecer a história de vida e formação dos jovens participantes desse projeto de extensão que antes de 2008 estavam naquela cidade com pouca expectativa de ingressar no ensino superior na região. Procuramos através da Pesquisa “Trajetória de Formação da Juventude em Busca do Acesso à Universidade Pública”, desenvolvida entre julho de 2009 a agosto de 2010, aprovada pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC-UERN).

Neste projeto analisamos a trajetória de vida e o perfil social dos jovens da cidade de Campo Grande/RN procurando identificar as suas expectativas com relação ao acesso ao ensino superior no Rio Grande do Norte. Especificamente o público alvo para traçar a história de vida foram 10 jovens que participaram do projeto de extensão e efetivamente ingressaram na UERN no ano de 2010.

Como procedimento metodológico para a investigação sobre a juventude no percurso de sua formação trabalhou-se com história de vida por compreender que as possibilidades de acesso a Universidade pública apresentam-se delineadas ao longo da vida, quando os sujeitos empreendem ações na diversidade individual e coletiva de sua vida cotidiana.

Para Goldenberg (2004, p. 37) “[...] reconstituir suas Histórias de Vida é o melhor caminho para conhecer estes indivíduos que tomam decisões estratégicas, suas origens, seus instrumentos para controlar e manter o poder, seus valores e interesses.”

Por sua vez, Santos (2004, p.85) ao defender uma perspectiva emergente na construção do conhecimento no mundo contemporâneo advoga que o “caráter auto-biográfico e auto-referenciável de ciência é plenamente assumido”.

Mediante a história de vida é possível buscar a interseção entre a vida individual e o contexto social. (PAULILO, 2009) Esta carrega em si um caminho para a compreensão da história social através da narrativa pessoal.

O desenvolvimento deste estudo pode ser delineado da seguinte forma: definição dos sujeitos a serem entrevistados, entrevistar os jovens ex-alunos do Projeto de Extensão ingressantes do ensino superior; verificar as disponibilidades de tempo dos entrevistados, definir a viabilidade de deslocamento ao município, produção de um roteiro norteador para a obtenção dos elementos desejáveis, marcar os encontros com os jovens.

Neste roteiro para as entrevistas foram apresentadas as seguintes questões: trajetória de formação, aspectos escolares, a organização escolar, desempenho escolar, a relação escola e vida, participação em espaços formativos, o papel da família na educação, as expectativas quanto ao ingresso no ensino superior e as contribuições do projeto de extensão para a sua formação.

Foram realizados encontros com dez jovens para os relatos de vidas em três lugares: na casa de alguns deles, no Núcleo Sertão Verde, parceiro do projeto de extensão e na UERN. Todas as falas foram gravadas mediante o consentimento dos entrevistados. Após a realização de todos os relatos de história de vida fizemos a transcrição, transformando as falas em textos. Nesta fase compete à correção, sem perder o arranjo da narração e finalmente a análise dos relatos.

Este artigo está organizado em quatro partes: esta introdução, uma reflexão sobre juventude, os resultados do perfil sócio cultural dos jovens de Campo Grande/PB, a história de vida de alguns dos jovens entrevistados e finalmente algumas considerações sobre a investigação realizada.

REFLETINDO SOBRE JUVENTUDE

O debate sobre juventude tornou-se expressivo no Brasil a partir da década de 1990 e início do século XXI, principalmente, no que se refere a contextos urbanos. No entanto, nas produções acadêmicas a categoria da juventude revela-se como uma categoria autoexplicativa, em que a idade e/ou o comportamento são características determinantes para a reflexão sobre a situação social deste jovem.

Os estudos, geralmente, apresentam uma definição que se baseia em: faixa etária, geração, período de transição ou ciclo da vida, cultura ou modo de vida e representação social e autorepresentação. Isto corrobora para que a categoria seja vista de forma variada e repercute na variedade de fatores que influenciam na elaboração do conceito. Pode-se perceber que algumas vezes, apenas uma destas abordagens é utilizada para fazer referência ou definir a categoria juventude, noutras é feita uma combinação (WEISHEIMER, 2005). As críticas recaem, sobretudo, sobre a caracterização de indeterminação da condição juvenil, tida como uma “passagem”, subordinada à adultidade, que é considerada a fase estável da vida (SPOSITO, 2002).

O Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) admite como jovens o grupo etário que se estende dos 15 aos 29 anos. Vale salientar que o CONJUVE não apresenta no debate realizado apenas a parametrização por faixa-etária para abordar a temática da juventude, dará relevância a condição social, uma vez tratar-se de um grupo ampliado que vivenciam diversas e diferentes realidades sociais, no processo de transição para a vida adulta.

Na concepção de Bourdieu (1983), a juventude apresenta-se como um constructo social resultante da luta de poder entre jovens e velhos nos diferentes cenários de vida. Nesse sentido, a idade seria um dado biológico manipulado socialmente, pois como diz Bourdieu (1983, p.113) “o que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas.

Neste sentido, a fronteira da juventude implica necessariamente em relações de poder, ou quem sabe, a manutenção do poder juntamente com o controle no processo de renovação social que remete ao adiamento da autonomia, que é característica da condição adulta. Para complementar, Bourdieu (1983, p. 113) alerta:

Falar de jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes.

Em pesquisa publicada e organizada por Abramo e Branco (2008) no livro denominado **Retrato da Juventude brasileira** realizada em 2003, abrangeu 3501 jovens, os quais revelaram diferentes interesses e suas trajetórias sociais: a compreensão do que é ser jovem, escola, trabalho, cultura lazer, mídia., drogas, violência, política, participação, direitos, valores e referências e quais os interesses desses jovens..

Encontramos nesta ampla investigação argumentos para pensar o perfil social e os interesses dos jovens. Abramo (2008) nos revela a condição juvenil no Brasil, compreendida nesta investigação como uma etapa de um ciclo de vida que compreende as idades de 15 a 24 anos, consideradas como a de passagem para a vida adulta. Desta pesquisa, os dados revelam: 78% dos jovens são solteiros; 27% possuem ensino médio completo; 25% ensino médio incompleto; 81% na cidade; 48% moram com os pais ou padastros; 36% deles trabalham; 32% nunca trabalhou mas procuravam procurando trabalho na ocasião da pesquisa. Quanto à renda familiar 31% possuem mais de 2 a 3 salários mínimos, 24% mais de 1 a 2 salários mínimos; 40% desses jovens tiveram antes dos 18 anos e para 40% dos jovens a gravidez foi sem querer.

São pesquisas desta natureza que precisam serem ampliadas no Brasil, em seus vários Estados e municípios. Foi o que realizamos ao procurar investigara realidade social dos jovens em contexto de busca de ampliação de conhecimentos na luta por ingresso no ensino superior.

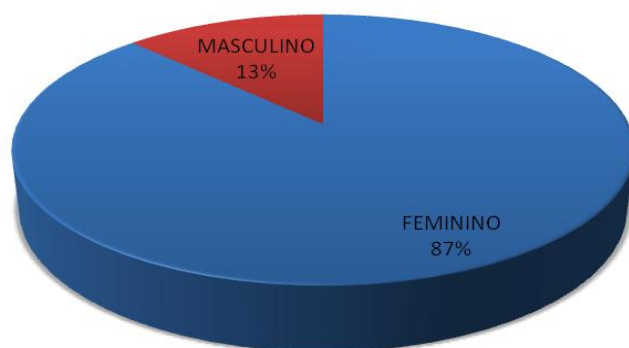
O PERFIL SOCIAL DOS JOVENS NA CIDADE DE CAMPO GRANDE/RN

Zago (2007) ao tratar do prolongamento da escolarização dos meios populares ao ensino superior nos chama a atenção para a necessidade de indagarmos quais as reais condições de acesso dos jovens oriundos destas camadas a este sistema de ensino. É notável considerar as desigualdades sociais que perpassam a totalização do ensino somente se pensarmos o caso brasileiro.

Pensando neste processo desigual que perpassam o acesso ao ensino superior foi que através de um projeto de pesquisa foi traçado o perfil de jovens oriundo de camadas populares da cidade de Campo Grande/RN participantes de projeto de extensão que colaborou para a ampliação dos conhecimentos visando uma vaga na Universidade na região.

De um modo geram após a aplicação dos questionários dos questionários aplicados em fevereiro de 2010 com os jovens sujeitos da pesquisa identificamos o seguinte perfil: os jovens são em sua maioria do sexo feminino; apresentam de 17 a 40 anos de idade; são, em sua maioria, solteiros; naturais de Campo Grande e Jucurutu; moradores de zona rural e zona urbana; alguns moram somente com a mãe, outros com os pais (pai e mãe) e ainda há aqueles que moram com avós; a maioria não trabalha; os pais dos jovens são em sua maioria analfabetos; suas mães têm escolaridade de ensino fundamental a ensino médio; os pais (pai e mãe) ocupam-se da agricultura, alguns são funcionários públicos, outros aposentados entre outros ofícios. Alguns são beneficiados por programas do governo, como, por exemplo, bolsa família. Segue abaixo alguns gráficos para melhor apreciação dos resultados dos questionários, trazendo o perfil sócio cultural.

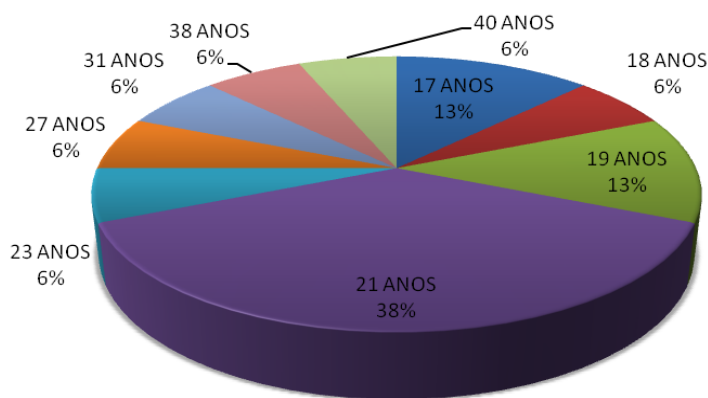
Gráfico 1: Distribuição dos jovens por gênero



Fonte: Projeto de Pesquisa Trajetória de Formação da Juventude em Busca de Acesso à Universidade Pública. (PIBIC/UERN, 2010)

A partir do gráfico 1 verificamos que há predominância do público feminino somando-se 87% e quanto aos homens representam 13%. Conforme dados da UNESCO (2005) o índice de analfabetismo funcional no mundo chega a 137 milhões de jovens (somando-se 17% de todos os analfabetos), desses 85 milhões são do sexo feminino com uma percentagem de 63%. Há nesta investigação realizada a busca pela ampliação da escolarização predominantemente por parte das mulheres.

Gráfico 2 - Jovens distribuídos por idade



Fonte: Projeto de Pesquisa Trajetória de Formação da Juventude em Busca de Acesso à Universidade Pública. (PIBIC/UERN, 2010)

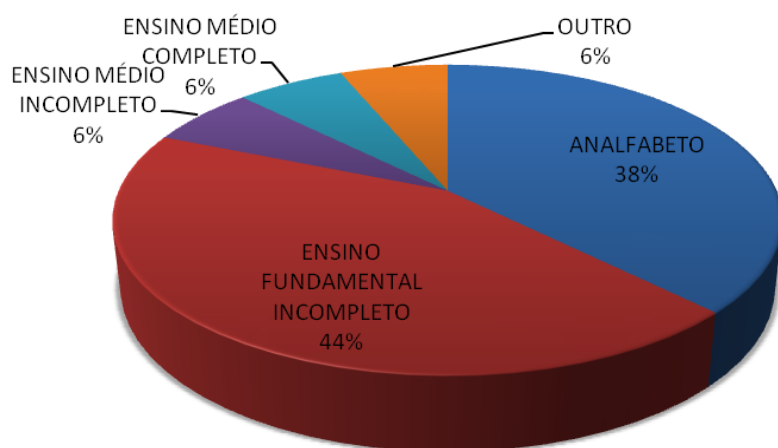
Conforme o Gráfico 2, a idade do público investigado era bem variável, 21 anos de idade é maioria, somando-se 38%; depois temos 17 e 19 anos de idade, somando 13% cada, e, logo depois 18, 23, 27, 31, 38 e 40 anos de idade cada uma somando 6%. Esta variação ocorre em virtude da abrangência do projeto. No início o estudo era direcionado e centrado nos jovens, no entanto a

participação de outro público no projeto de extensão fez com que fosse incluída não como meio de sair do rumo da pesquisa, mas como meio de inclusão, trazendo dessa forma o conhecimento de novas realidades. As pessoas não jovens fizeram parte do projeto “Abrindo Caminho para a Universidade”, para tal a idade não é um pré-requisito.

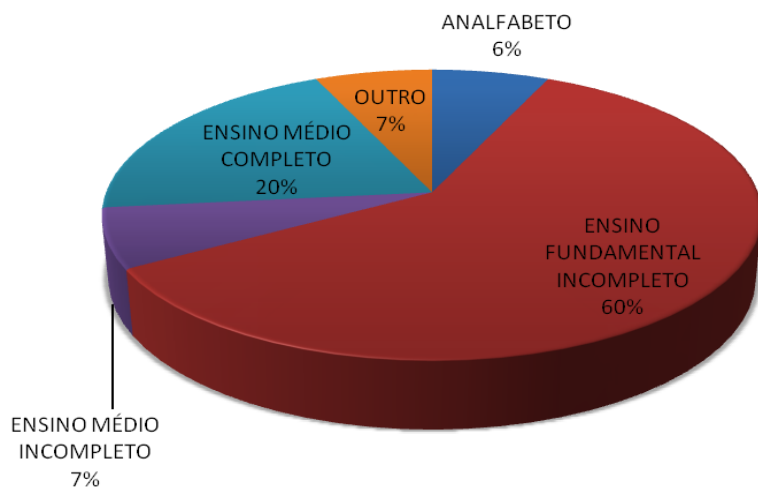
De acordo com a sociologia da juventude a compreensão do que é ser jovem pode seguir duas correntes, a primeira consideraria a juventude como um grupo social homogêneo, onde a característica predominante seria está numa certa fase da vida, na mesma faixa etária. A segunda definiria juventude para além da faixa etária, com um caráter mais complexo, a partir de interesses diferenciados (ABRAMOVAY; ANDRADE e ESTEVES 2009).

Esta pesquisa constatou no cenário de ampliação e luta por escolarização há a presença de várias gerações que se encontram na convivência lutando por busca de novos conhecimentos.

Gráfico 3: Escolaridade do pai



Fonte: Projeto de Pesquisa Trajetória de Formação da Juventude em Busca de Acesso à Universidade Pública. (PIBIC/UERN, 2010)

Gráfico 4: Escolaridade da mãe

Fonte: Projeto de Pesquisa Trajetória de Formação da Juventude em Busca de Acesso à Universidade Pública. (PIBIC/UERN, 2010)

A escolaridade dos pais dos jovens varia bastante, os que concluíram o ensino fundamental somam 44%, em segundo lugar vem o analfabetismo, que é muito elevado, 38%, ensino médio incompleto, ensino médio completo e outro, ficam com 6% cada. Entre as mães o índice de analfabetismo cai de forma considerável, quanto aos pais cabiam 38%, entre as mães temos 6%; 60% das mães dos jovens têm o ensino fundamental incompleto; o ensino médio completo fica com 20% e o ensino incompleto e outro ficam com 7%. Vemos que a escolaridade dos pais se apresentam como um dos fatores que podem colaborar no ingresso no ensino superior.

Para Bourdieu (1998, p. 152)

As estratégias às quais os indivíduos e as famílias têm recorrido para salvaguardar ou melhorar sua posição no espaço social se retraduzem em transformações que afetam inseparavelmente o volume das diferentes frações de classes e sua estrutura patrimonial.”

Quanto às contribuições do cursinho pré-vestibular os jovens atribuem muito valor, pois até então não havia na cidade algo tão motivador que os fizessem almejar uma vaga em uma instituição de ensino superior. Alguns conferem ao curso uma ótima oportunidade de ampliação de conhecimentos, ultrapassando aqueles adquiridos na formação no ensino básico.

A investigação junto aos jovens de Campo Grande indica que esses vivenciam um contexto marcado por extremas desigualdades educacionais, econômicas e culturais e que a persistência desses na busca pelo conhecimento é resultado da vivência dessas desigualdades, pois muitos desejam, ao entrar na universidade, a inserção no mercado de trabalho.

Muito se sabe que o nível de escolaridade mais elevado não garante uma vaga no mercado de trabalho, mas também muito se sabe que quem não possui o mínimo desta, como o Ensino Fundamental, está mais exposto a situações de exclusão social. (ANDRADE e FARAH NETO)

A proposta de se trabalhar com trajetória de formação de jovens implica em considerarmos todos os elementos que circundam o espaço dessa juventude, pois não é correto que ignoremos a audácia positiva, digamos assim, desses jovens em permanecer acreditando em um sonho que a realidade os torna cada vez mais distante.

Então é necessário dar voz e vez a esses que sobrevivem do processo de seletividade, para que sejam reconhecidos perante sua força de vontade e auto-estima recuperada, pois apesar da dura realidade uma camada mínima, mas um tanto expressiva, acaba resistindo e trilhando o caminho para o sucesso. (PAIXÃO e ZAGO, 2007)

HISTÓRIA DE VIDA DOS JOVENS

Os jovens entrevistados se mostraram muito interessados em contribuir para o desenvolvimento do estudo, tiveram grande aceitação pelo método, alguns sendo, naturalmente, mais inibidos que os outros. De acordo com os objetivos, que seria investigar as leituras que os jovens fazem do seu processo de formação, percebemos um contexto de heterogeneidade referente à estrutura familiar e a participação da mesma na trajetória de formação dos jovens.

No tocante a trajetória de formação, destacamos as narrativas a seguir:

Eu comecei a estudar com seis anos de idade. Entrei para a alfabetização e logo após fui para Mossoró para casa da minha avó e comecei a estudar novamente em escola particular até a quarta série. Depois fui para um colégio de ensino público até a oitava série. O primeiro ano e a metade do segundo fiz em Mossoró. Nunca fiz “Cursinho”, exceto esse projeto cursinho. Passei no primeiro vestibular. Nunca tive muitas necessidades financeiras e estudei em escola pública por opção mesmo sabendo das falhas no ensino publico. Não gostava da escola privada. Para vim para a escola pegava carona, vinha a pé e não gostava de andar de ônibus nem de moto taxi, pois morria de medo desses transportes. A estrutura física e pedagógica da escola era boa se comparada a escola pública. Na escola pública os professores faltavam muito. Tinha professores bons e ruins e alguns que não vinham dar aula. Na maioria das vezes essas aulas não eram pagas e ficava por isso mesmo. Os alunos não se interessavam muito. Meu desempenho escolar não foi afetado mesmo com essas mudanças e dificuldades escolares. Nunca participei de nenhum grupo ou espaço de formação. (entrevista 1)

Eu sempre morei no sítio Morcego com meus pais e meus três irmãos. Lá tínhamos acesso à escola até a quarta serie do ensino fundamental. Hoje tem o quinto ano. Vim para a cidade cursar a quinta serie até a terceira serie do ensino médio na Escola Estadual Joaquim Leal. Terminei com 18 anos, casei tive um filho e fui morar no Sítio Lagoa. Fiquei cinco anos sem estudar. Tinha a dificuldade de locomoção, pois morava no sítio e não tinha transporte à noite, mas mesmo assim eu vinha sozinha de moto. Meu marido nunca se incomodou que eu estudasse, mas também não se esforçava muito para me levar até a cidade para eu assistir as aulas do cursinho. Meu pai e que, às vezes, vinha comigo. Participei de Associação e grupo de jovens que ajudaram na minha formação e socialização como forma de falar em publico e perder a vergonha. (entrevista 2)

Eu nasci em Campo Grande sempre morei com minha mãe. Meus pais nunca se casaram e meu pai morreu há três anos. Atualmente mora eu, minha mãe e um sobrinho. Nunca tive dificuldade financeira mesmo com meus pais separados e isso não afetou minha trajetória

escolar. O único trauma ou dificuldade que eu tinha era no dia dos pais ou das crianças, pois todo mundo fazia lembrancinhas eu não tinha nem fazia a minha, ficava de escanteio. Na época da escola, minha mãe trabalhava no hospital e depois na secretaria de ação social. Era funcionária da prefeitura e meu pai morava numa chácara e trabalhava na agricultura. O acesso a escola era favorável e minha mãe sempre me ajudou em relação à tarefa de estudo. A estrutura física da escola era razoável e a pedagógica não era muito boa. O corpo docente era péssimo. Meu desempenho escolar sempre foi bom nunca fiquei em recuperação e nem repeti de ano. Tinha algumas dificuldades em disciplinas de cálculo, pois os professores não eram bem preparados, principalmente no ensino médio e isso pesou muito e a gente não sabia quase de nada, pois não tivemos uma base no ensino fundamental. Eu passei a frequentar a igreja depois que terminei o ensino médio. (Entrevista 3)

Vejamos alguns fragmentos das narrativas que revelam a importância da família no processo de formação:

Minha família sempre me incentivou a estudar. Meus pais diziam que só através do estudo poderíamos conseguir alguma coisa. Os meus pais não estudaram muito, só estudaram até a 5ª série, pois eles não tiveram oportunidade. (entrevista 3)

Eu sou de uma família que vivia no sítio próximo aqui da cidade. O meu pai comprou uma casa na cidade para a gente vim estudar. A minha família é grande, somos doze irmãos. Eu já sou um dos mais novos. [...] Os meus pais sempre deram força. Só que como eles não tinham estudo, dava força, mas não se sabia até onde. (entrevista 5)

Sou da cidade de Campo Grande, [...]. Meu pai deixou a família com eu tinha cinco meses e meu irmão tinha sete meses. Sempre moramos com a nossa mãe na cidade de Campo de Grande. [...] ela sempre procurou nos dá o melhor, com todo o incentivo. Apesar de ser mãe solteira. (entrevista 4)

No discurso acima percebemos que a jovem ela destaca a participação dos pais (pai e mãe) em sua formação, e ainda levanta a questão de que os pais estudaram pouco porque não tiveram oportunidade. Vemos também a informação do processo do êxodo do campo para a cidade para manter a permanência dos filhos na escola. Também uma das jovens revela que naquela época não se podia saber até onde poderia ir a colaboração dos pais porque percebia as dificuldades crescentes na família.

Há relatos que denotam a emoção que os jovens expressam ao falar do seu passado e ao se dá conta de onde estão. Vejamos quando falam do Projeto de Extensão institucionalizado na UERN:

A partir do momento em que você vê professores e alunos da UERN irem até você, você se sente importante, aí se pergunta, quando que antes de chegar à faculdade eu iria ter contato com essas pessoas que estariam nos passando mensagens de motivação? (Entrevista 4)

Notamos aí a satisfação da jovem quanto ao curso, tal sentimento talvez não pudesse ter sido notado por meio de uma entrevista escrita, pois percebemos que naquele momento ela se emocionava

por está falando para alguém sobre aquilo. Concluímos que a relação do entrevistado com entrevistador é fundamental para que se construa uma base sólida e um bom desempenho de ambas as partes no momento do diálogo para captar as histórias de vidas.

Outra questão pertinente seria com relação às expectativas que os jovens alimentam para o futuro, estes, assim como seus pais, vêem a universidade como uma oportunidade para ampliação de conhecimentos, como uma forma de se obter uma melhora de vida, um meio para conquistar um espaço no mercado de trabalho, para realizar um sonho, prestar serviço a sociedade e garantir o futuro. Como relação a jovens de municípios com características rurais Menezes (2009) nos diz:

A educação escolar é considerada condição para que o indivíduo se torne *alguém na vida*, apresentando-se como principal alternativa à atividade agrícola. Quando questionados sobre projetos familiares, os agricultores ressaltam a educação como garantia de uma vida melhor para seus filhos.

Assim, ao analisar as histórias de vida de jovens de camadas populares vemos que uma das alternativas para mudanças de trajetórias tem sido confirmada com as possibilidades de ampliar o acesso a educação que no Brasil a partir de 2003 em se tratando do ensino superior vem se ampliando seja pela expansão de oferta do sistema privado seja pela expansão das universidades públicas em vários Estados brasileiro.

Quem sabe esteja neste processo de ampliação das alternativas de vagas para o ensino superior um dos caminhos para que os jovens moradores de municípios e regiões fronteiriças possam mudar seus rumos de vida bem como de suas famílias.

CONCLUSÃO

O presente estudo nos ajudou a fortalecer as concepções, referentes ao sonho que, os jovens do meio rural, alimentam com relação ao ensino superior, ao aumento do grau de instrução e de ter acesso ao processo de ampliação de sua escolarização.

Constatamos que a realidade da juventude do meio rural tem sofrido algumas mudanças no tocante ao aumento dos níveis de educação com os avanços das políticas públicas e dos avanços tecnológicos. A partir das análises das histórias de vida percebemos jovens alimentando a vontade de vencer na vida.

Fazer investigação com o método história de vida nos proporcionou uma análise detalhada dos relatos sobre a juventude. Ao analisar a história dos jovens de Campo Grande/RN participantes do Projeto de Extensão Pré-Vestibular: integração extensão, pesquisa e ensino, percebemos, em suas falas, características semelhantes quando falam do acesso a escola, estrutura e desempenho escolar, obstáculos, motivações e espaços sociais de formação externos a escola.

Alguns relatos são pertinentes, como por exemplo: fácil acesso a escola, por se tratar de uma cidade pequena; estrutura escolar com necessidade de melhorar; os jovens oriundos do ensino público revelam que tiveram bom desempenho; falta de obstáculos ao longo das suas vidas; motivações para continuar e vencer no futuro; os espaços sociais de formação foram a igreja, grupos de teatro, grupos de jovem e de estudos. Quando se aborda o processo de formação até se chegar ao ensino superior todos expressam como uma boa fase de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel, BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.) **Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

BERTAUX, D. – Relatos de Vida e Sociologia: Metodologia do Relato de Vida em Sociologia. In: ____ *Reinvenções do Sujeito Social*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 4 ed. Petrópolis., RJ: Vozes, 2002. (Org. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio)

BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”, entrevista a Anne-Marie Métaillé, e originalmente publicada em **Les Jeunes et le Premier Emploi**. Paris: Association des Ages, 1978. Edição em português em : P. Bourdieu. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, pp. 112-121.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8ª ed. Record: São Paulo, Rio de Janeiro, 2004.

MENEZES, I. G. Educação escolar e identidade cultural de jovens rurais: uma proposta de pesquisa. http://www.pos.ufs.br/antropologia/seciri/down/GT_06/Isabela_Goncalves_de_Menezes.pdf. Acesso em outubro de 2010.

MORIN, E. - Ensinar a compreensão. In: ____ *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Ensinar a compreensão. 3ª. ed. - São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

OSINAGA, V. L. M. VIEIRA, M. J. ARMELIN, M. V. A. L. FUREGATO, A. R. F. Trabalhando com histórias de vida de familiares de pacientes psiquiátricos. <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n4/v34n4a13.pdf>. Acesso em outubro de 2010.

PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir. (org) **Sociologia da educação: Pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em abril de 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
ZAGO,

SPOSITO, M.; **CARRANO**, P. C. R. **Os jovens na relação sociedade-estado**: entre problemas sociais na concepção ampliada de direitos. São Paulo: ANPED, 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/outros>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

ZAGO, Nadir. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. **PAIXÃO**, Lea Pinheiro; **ZAGO**, Nadir. (org) **Sociologia da educação**: Pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.